

DISCURSOS E CONFERÊNCIAS

João Monteiro (*)

Francisco Morato

Ao receber o convite que a Academia Paulista de Letras nos transmitiu por intermedio de seus ilustres consocios Spencer Vampré e Soares de Mello, nossos colegas do professorado, para falarmos em nome da Faculdade de Direito de São Paulo nesta solenidade panegirica que os dois Institutos celebram em homenagem a João Monteiro, aquiescemos de pronto á amabilidade da lembrança.

A razão de termos sido discipulo e sucessor do insigne catedrático de Direito Judiciario Civil, a insistencia com que em Congregação dos Lentes sugerira Soares de Mello o nosso nome para representante da Faculdade, a fonte donde afinal partira o lance de cortezia, tudo obrigava a inclinar-nos ao convite, comquanto nos parecesse melhor achado que a outrem se cometesse a tarefa e sem embargo do temor que nos salteia sempre que temos de afrontar os perigos de um auditorio seleta pela inteligencia e espirito de critica.

Atraía-nos ademais a natureza do tema e o prazer de neste recinto, palco do magisterio juridico, lembrar o perfil elegante e enciclopedico do grande mestre á guarda e carinhos da mocidade academica, desta mocidade que, por entre as fumaradas, cobarderias e ameaças de oito anos de ditadura, vem mantendo bem vivas as chamas da demo-

(*) Discurso proferido a 16 de maio de 1945, em comemoração ao centenário de seu nascimento.

cracia, desta mocidade cuja juventude se desabrochou aos ardores da epopéa de 1932, quando S. Paulo, solitario na defesa de nossas tradições constitucionalistas, salvou o genio que ha-de sempre reger os destinos de nossa patria.

Carioca de nascimento, passou o dr. João Monteiro talvez os mais esperançados dias da idade juvenil fóra do circulo para onde o havia de arrastar fatalmente a vocação.

Na infancia, concluiu com rapidez as primeiras letras. Na adolescencia matriculou-se no famoso Collegio Pedro II, cujo curso não logrou completar, coagido como foi por necessidades economicas da familia a entregar-se a afazeres mercantis. No commercio esgotou a juventude e já em idade varonil, com 21 anos em 1866, veio para S. Paulo abrigar-se á sombra de nossa velha Academia de Direito.

Sentiu-se então no doce remanso da Matriz da intellectualidade brasileira, áquele tempo a princêsa de todas as Côrtes, na frase de notavel escritor, onde os benemeritos do talento que podiam luzir, luziam sem detrimento alheio, ao inverso das pequenas Côrtes, onde não é licito resplandecer sem estrago ou morte de outras luzes, porque tudo faz a inveja, a rivalidade, o despeito e a competição.

Entregue para sempre á sua vocação e dotes espirituais, fez celere os estudos preparatorianos. Em 1868 matriculou-se no primeiro anno de direito, finalizando o bacharelado em outubro de 1872 e colando grau aos 27 anos de idade.

Pouco depois conquistou as insignias de doutor de borla e capelo em brilhante defesa de teses, pelo voto excepcionalmente pleno da Congregação, que tinha então de costume concedel-o *simpliciter* pelo voto divergente de um lente, afim de abrandar um pouco a vaidade e gloria de tamanho galardão.

Em 1882, em seguida a breve estagio pela advocacia e ministerio publico, voltou á Academia a disputar o logar de lente. Nos tempos idos, ao professor de direito chamava-

se lente, não só por fidelidade á terminologia de Coimbra, senão ainda por distinguil-o de professores de outras categorias e disciplinas.

Abriram-se, com interregno de tres mêses e meio, dois concursos, um de Direito Criminal, outro de Direito Commercial. João Monteiro concorreu a ambos e em ambos foi classificado em primeiro lugar.

Preterido no primeiro por Vicente Mamede, foi nomeado lente substituto no segundo.

Outr'ora a entrada para o corpo docente não se fazia por secção ou cadeira, senão por vaga de substituto em todas as materias do curso; o substituto tinha de preparar-se em jurisprudencia em geral, para, nomeado, fazer-se catedratico da primeira cadeira que se vagasse. Entendia-se que, assim como ao bacharel ou doutor exigia-se a habilitação no quadro integral das ciências juridicas e sociaes, assim tambem cumpria proceder em relação ao candidato a substituido, que, só depois de nomeado, passaria a especializar-se na cadeira de que eventualmente se tornasse catedratico.

Era uma orientação rispida, que o sistema doutrinal republicano suavizou com a substituição por secções e que recentemente tem desatabafado com essas erronias e tolices que por aí andam abroqueladas sob a cupula nominativa de Estado Novo.

Ocorrendo em 1883, pela jubilação do Barão de Ramalho, a vacancia da cadeira de Processo Civil, foi João Monteiro nomeado seu catedratico.

Decerrou-se então a cortina para os esplendores e triunfos de sua vida profissional.

A cadeira de Processo ou Direito Judiciario Civil é porventura a de mais difficil desempenho no Curso Juridico Superior, pela razão que, sendo o processo a dramatização ou pratica do direito em todos os ramos, é de evidencia apodítica que só logrará professal-o com brilho e utilidade

quem conhecer a jurisprudencia em todos os meandros e divisões. O requisito fundamental e primario da tecnica do professor é o conhecimento integral, no intellecto especulativo e no intellecto pratico, da materia que preleciona; á arte operatoria e habilidade no manejo dos instrumentos, tem de jungir conhecimento total da anatomia e clinica medica.

João Monteiro era um levita da justiça, adereçado com todos as armas e escudos de um paladino.

Predestinado na luminosa esfera de intellectualidade, jurista doutissimo advogado eximio, historiador, filosofo, literato, poeta, senhor da palavra, poliglota, elegante nos mais minimos detalhes, esmerado nos modos, apaixonado de suas letras e officio, tinha nesses predicados a segurança de sua fortuna.

Familiar em todos os departamentos juridicos, atravez dos monumentos da sabedoria romana, da doutrina dos povos cultos, da lição dos grandes interpretes, do genio e historia do direito patrio, emprestava ás suas lições um quê de originalidade que fascinava os alunos.

Aos mais vulgares topicos da processualistica, procurava illustral-os e animal-os com um sopro critico de filosofismo e legislação comparada.

Não dissertava de nenhum tema elevado, sem esmerilhá-lo nas fontes, metamorfoses e evoluções. Dominava-o a visão de Gaio e o conselho de Serafini, reproduzido no monumental prologo de Saredo ás suas *Instituzioni Di Procedura Civile*, a saber: “Se devéras quizerdes merecer o nome honroso de jurisconsulto e penetrar a alma dos institutos juridicos, cumpre-vos apanhal-os e medital-os nas obras da antiguidade classica, na sua origem e sucessivo desenvolvimento”.

Filosofo, deixou-se empolgar pelo mesmo espirito que em meados do século 19 sobrepôs a materia á idéa e sacrificou as altas cogitações da metafisica ao estudo da realidade sensivel. Partidario do transformismo e do evolu-

cionismo, admirava a DARWIN, HUXLEY e SPENCER, cujas opiniões citava frequentemente com ardente entusiasmo e na esteira das quais procurava submeter a teoria processual a um travamento científico ou vista geral de conjunto, a uma especie de prologo, como fizera Bordeaux na *Philosophie de la Procédure Civile*, a dominal-a no passado, no presente e no futuro, a desvendar-lhe em quadro vivo as imperfeições que foram, os defeitos que perduram e as reformas que se impõem.

Ciêntista enamorado das ginasticas da inteligencia, não se cingia a mero repetidor ou exegeta de textos ou lições alheias. Explicando fenomenos processuaes, defendendo opiniões ou ensaiando edificar doutrinas ao influxo das grandes generalizações e encadeiamento sistematico, em tudo imprimia o cunho de sua individualidade. Às vezes, por demasia de zelo e amôr ao progresso aljoforava com os fulgores da pena ou da palavra a verdadeiros devaneios, quais foram seus estudos sobre a *Cosmopolis do Direito* e a *Universalização das Linguas*, em que divisava com Cavaignac a sagrada hostia da comunhão dos povos; utopias que contrastam com o postulado de que um povo sem lingua e direito proprio não é povo, porque é no vernaculo, na historia, no tradicionalismo e estrutura do direito indigena que jaz a genuinã expressão da nacionalidade.

Conhecia a fundo as literaturas juridicas romanisticas, lusitana reinicola, portugûesa, francêsa, italiana, americana, inglêsa e germânica, as quaes perlustrava no original, senhor que era das respectivas linguas.

Fazia grande estima da profundeza, erudição e formidavel poder de analyse dos autores alemães, sem entretanto perder os traços e atributos da latinidade; no que imitava a LAFAYETTE, o nosso insuperavel Lafayette, latino acima de tudo, com as claridades, graças, finuras, delicadezas, espontaneidade e prontidão de nossa raça, genio enciclopedista, incompativel com o pesadume, tardança e mormidão das profundidades germanicas. Dentre os processualistas

peregrinos, tinha notavel predileção por Mattirôlo, Mattirollo, como pronunciava o nome do preclaro mestre italiano.

Não estava em seu feitio incorrer a ridiculez dos latinos que, procurando germanizar-se, perdem os attributos da latinidade e não adquirem os predicados do germanismo, tornando-se de tal modo figuras epicenas.

Aos inumeraveis dotes culturais para o exercicio da cathedra juntava a qualidade de advogado de excepcional perspicacia e vasta clientela; a pratica a iluminar-lhe as lições da teoria. Com razão se diz que a comparação com a experiencia é a pedra de toque de toda a teoria; verdade que IHERING relêva com a bela metafora que o direito, na sua expressão doutrinal, é como a maquina que melhor se encarece no acabamento e perfeição quando posta a funcionar.

Mas o que mais sublimava no eminente catedratico era a oratoria. Tinha a palavra facil, o timbre agradabilissimo, a elocução elegante, imaginosa, tropologica e acomodada ao assunto, o estilo ritmico e suave, a terminologia elevada e opulenta, a dicção meticulosamente acentuada e diafana.

Era esta ultima qualidade a que porventura mais encanto dava ás suas orações. Articulava as palavras com clareza e verdadeira volupia, destacando e martelando as silabas, modulando a voz á feição do pensamento e da materia, de tal arte que o auditorio como que ouvia e via os vocabulos na sua expressão fonetica e ortografica, ao mesmo tempo que sentia o goso artistico de uma bela musica e o prazer intelectual de quem comprehende um discurso.

Aliás a pronunçiação é a alma da eloquencia. Narra Plutarco um incidente que realça esta verdade.

Encontrando-se certa feita com o comediante Satyrus, deplorava Demosthenes o infortunio de sua palavra, pois a par e passo que marujos ignorantes eram ouvidos com benevolencia, seus discursos só colhiam desprezo. Dando-lhe razão e juntamente remedio ao infortunio, pediu-lhe

Satyrus que recitasse alguns versos de Sophocles ou Euripides. Demosthenes recitou-os e, a seguir, Satyrus repetiu-os com tanta gentileza, em tom tão adaptado ao estado e disposição do personagem, que o proprio Demosthenes achou-os inteiramente diferentes e, arrebatado da beleza e graça que a declamação dera aos versos, sentiu então que o talento da composição é pouca coisa ou quasi nada si se descuida a pronuncia e a ação conveniente á materia.

João Monteiro foi desde moço apaixonado da Eloquencia; quando estudante, segundo refere um de seus contemporaneos na Faculdade, só tinha como rival na tribuna a Oliveira Bello, mais espontaneo e fluente que ele, porém inferior no talento e erudição.

Falava comovido do assunto e, comovido, comovia o auditorio, na forma do preceito horaciano — *si vis me flere dolendum est primum ipsi tibi.*

Era em regra breve e resumido, como se vê de seus discursos academicos, particularmente do mais reluzente de todos, o que, em nome da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, do Instituto Historico e Geografico de S. Paulo e do da Baía, pronunciou na sessão solene com que a Sociedade de Geografia de Lisboa celebrou o 4.º Centenario da gloria de Vasco da Gama; discurso que não teria durado mais de vinte minutos, a despeito do deslumbramento do assunto, do aparato das circunstancias, de magnitude da representação, da fidalguia e realeza da assembléa.

Inteligente observador dos efeitos antagonicos da longura e da brevidade, timbrava de não se demasiar no tempo. Amava a síntese, essa ninfa da tribuna, da qual não nos fatigaremos de fazer e repetir a apologia.

Não ha orador por mais facundo, fluente e imaginoso que seja que consiga prender o auditorio depois de uma hora de atenção. Não ha escritor por mais lapidares que lhe brotem as frases que logre encantar, quando se derrama e zigzagueia em redor do mesmo pensamento. Não ha musicista por mais inspirado, opulento e original que seja

que alcance comover a platéa quando perde o compasso do tempo.

Haja vista o nosso genial Ruy Barbosa, maravilhoso na linguagem falada e escrita, mas fatigante na extensão. Veja-se Victor Hugo, extraordinario nos seus dramas e legendas, mas exaustivo nas amplificações. Tome-se uma das monumentaes partituras de Wagner, os Mestres Cantores, o Parsifal, o Crepusculo dos Deuses. Tudo aí é assombroso — as fugas de violino, as novidades de metal, o jogó das massas coraes, a repetição insistente dos motivos em todos os naipes da orchestra, o sacrificio da melodia, a imponencia do conjunto, a majestade da harmonia, a tecnica do contraponto, a dramatização da opera, a ductilidade da musica á realidade do libreto, a maestria e paciencia suprema do compositor; tudo é assombroso mas acaba adormecendo os ouvintes.

Por uma fatalidade de biologia mental, não suporta o espirito as demasias, nem mesmo a dos primores, pela razão que o homem não aprecia senão o que compreende e a compreensão é incompativel com o cansaço oriundo da prolixidade.

A sintese é que é difficil; a sintese é que é a expressão do belo nos torneios da inteligencia. A sintese, quando não agrada pelo estilo e substancia, tem a virtude supina de não fatigar.

No complexo de seus dons oratorios, constituia o eminente catedratico um tipo á parte de orador, com um *quid* proprio, que seduzia sem os altos e baixos de outros que na tribuna, como Sá e Benevides, ora rompem precipitosos em paixões e veemencias, sacudindo a assistencia, ora volvem mansos e suaves, como a descansar os ouvintes para novos impetos e arrebatamentos.

Professor completo, primava na estima e admiração dos colegas e alunos, pelo affecto com que os tratava, pelo brilho com que preleccionava e pelo ardor com que por toda a parte e em todos os momentos propicios exalçava a fama e prestigio desta nossa Academia, dedicada por pre-

destinação divina ás glórias do Senhor e á prosperidade das letras, do nosso berço espiritual, do velho Convento destes Franciscanos, nossos vizinhos e assistentes continuos; deste monumento que, lamentosamente sacrificado nas reliquias e tradições de suas linhas mestras, sem perder no esplendor da materia o esplendor do espirito, clama, em bela prosopopeia de Homero Vaz, que de Templo se convertera em Escola, de Simbolo da Fé em Simbolo da Justiça, de Altar da Religião em Altar do Direito; que da batina passara á toga, do pulpito á cathedra, da linguagem do Evangelho á linguagem da Lei.

Escritor, foi vasta e variada sua produção.

Além de discursos e poesias, artigos de critica e polemica, estudos literarios, historicos e doutrinaes, razões, monografias, memoriaes e pareceres esparcos em revistas, colectaneas e arquivos, publicou tres livros notaveis — *Aplicações do Direito, Teoria do Processo e Direito das Acções*, interrompido a meio pela morte.

A *Teoria do Processo* foi a principal de suas obras, com a qual desenvolveu o programa de seu Curso de Teoria do Processo Civil e Commercial, onde aproveitando as lições dos predecessores, notadamente de Ramalho, o sistematizador da praxe brasileira, procurou, consoante ele proprio escreve, incorporar a processualistica na majestosa integração ciêntifica moderna, ao sopro coerente e definido das heterogenizações physio-psicologicas que anima, organica e funcionalmente, todo e qualquer dominio da actividade social.

É um trabalho de larga estima e consulta, na doutrina e jurisprudencia, com acentuada preocupação sistematica e filosofica. Si alguns senões aí aponta a critica severa — coisa que aliás ainda acontece nas obras primas — força é attribuil-o á circumstancia de que o illustre ciêntista, partidario ardoroso do materialismo, não teve a iluminar-lhe as lucubrações os rigores da logica peripatetica e os clarões da filosofia espiritualista, para a qual só volveu nos ultimos anos de vida, depois de convertido ao catholicismo.

Era um cavalheiro distinto sob todos os aspectos; requintado na cultura, no trato, nas maneiras e até no vestuário, é bem de ver quão mal informados são os que dizem dele que costumava marcar aos amigos o tempo que deviam durar as visitas.

Mal informados igualmente os que afirmam que, amigo dos estudantes fóra da Academia, era *intra muros* rispido e inacessível.

Fomos seu discipulo assiduo e podemos testemunhar que não era um mestre temido, senão querido dos alunos, como havia de ser por sua indole de bondade e afeto.

Um episodio de familia documenta de que sentimentos tinha forrado o coração.

Empregado do comercio no centro do Rio, morando no bairro afastado da Real Grandeza, recebia de manhã o dinheiro da condução para ir ao trabalho. Certo dia de festa domestica, era o aniversario natalicio da mãe, saira muito cedo e regressara assaz tarde, pondo a familia em sobresalto. Tinha ido e regressado a pé, para com o dinheiro da passagem comprar um modesto lenço de presente á mãe, lenço que ela guardou com religioso carinho e ao falecer pediu lhe servisse para velar o rosto depois de morta.

Exprobravam-no de vaidoso; exprobravam-no exageradamente. Ninguem ha sem imperfeições neste mundo de pecadores; na propiciação divina, nem os santos são perfeitos, sem que isso implique menoscabo de sua santidade.

Os homens aquilatam-se por suas qualidades predominantes. Oxalá fossem como ele e do mesmo coturno todos os vituperados da vaidade.

Favorecido de peregrinos talentos, era natural que deles fosse cioso e deles se rejubilasse até os ultimos dias de vida.

Nas vigalias da intelligencia, os vultos que campeiam acima da esfera da vulgaridade são os que mais saboreiam o proprio valor.

Na justa observação de Lemaitre, quem primeiro e talvez mais agudamente gosou dos fulgores do renanismo foi o mesmo Renan.

Entre nós, nos tempos em que se estudava Eloquencia e não andavam em declínio os prazeres do espirito, quando a tribuna parlamentar resplandecia, frequentada por Gomes de Castro, José Bonifacio, Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, era Ferreira Vianna o *primus inter pares* dos grandes oradores. Artista consumado da oratoria, eximio na dicção, harmonioso na linguagem, exuberante nas figuras, sagacissimo na ironia, brincando com a palavra, colorindo-a, torcendo-a, meneiando-a com extrema gentileza e galanteria; Ferreira Vianna, como escreve Affonso Celso, si encantou e divertiu os contemporaneos, na verdade foi ele mesmo quem mais se encantou e divertiu com os esplendores do proprio verbo.

Ao homem lhe chamou Aristoteles animal glorioso, ao surpreender-lhe no intimo o pendor irresistivel para a gloria. pendor que só abandona á borda do tumulo, ultima tunica de que se despem as almas, como disse Platão.

Intellectual em quem se intermisturavam as mais variadas prendas e conhecimentos, tinha João Monteiro essa aureola que subjuga as eras e desatina a todas as invejas — a majestade do engenho; sua memoria ha-de perdurar emquanto aqui se guardarem os fastos da gloriosa Academia de Direito de S. Paulo.

Rendamos-lhe um preito de saudade e homenagem; lembremol-o particularmente á mocidade academica, para que vibre para a frente as vozes que vem tangidas do passado, em côro e apologia do grande professor.

Não olvidemos que o homenageado consumiu todas as suas energias pela divisa que é a lampada da nossa Escola.

Não nos esqueça que a nossa divisa é o culto do direito e da justiça. Não apenas do direito e da justiça, senão tambem da liberdade na mais ampla acepção do termo e nas suas mais variadas manifestações.

Lembre-nos sempre que toda lingua que pronuncia as palavras de virtude e de vicio, de merito e de demerito, de louvor e de vituperio, de premio e de punição, de consciencia e de remorso; toda ordem que se dá, toda lei que se promulga, todo conselho que se pede, todo arrependimento que se exprime, todo castigo que se inflige, todo poder que se constitue, tudo quanto se faz e tudo quanto se diz entre os homens, tudo atesta e realça este precioso dom da personalidade humana.

Si dentro desta casa, á sombra de uma só flamula, somos todos defensores da mesma fé, vós outros estudantes, élos da cadeia que arreata o presente ao futuro, vós sois os cruzados que na vanguarda mantêm o espirito da Faculdade. Vós mocidade academica, vós sois a esperança fagueira que se canta no hino da Escola, diaconos desse lema luminoso, que é o tronco em volta do qual revolueiam todos os interesses da humanidade, a chave dessa harmonia maravilhosa que o genio de Leibnitz denominou de prestabelecida pela bondade e sabedoria do Creador.

Sêde resolutos e inquebrantaveis no circulo fulgurante onde estadeiam os paladinos do Direito, sem esmorecer um instante no orgulho de nossos pergaminhos e no apostolado de nossa missão.

Mocidade academica! filhos da Faculdade de Direito de S. Paulo! mostrai-vos sempre dignos de vossa paternidade espiritual. Levantai conosco, nesta festa centenaria, um pensamento delicado até as regiões do infinito, donde nos contempla aquele que constitue uma das mais brilhantes figuras nos anaes da Academia.

Vós sois a falange a cujos brados não-de ruir as bastilhas da ditadura como ruiram as muralhas de Jericó ao som das trombetas de Josué; vós os arautos cujas vozes não-de anunciar, por entre as bençams do Senhor e os aplausos dos brasileiros, a resurreição da democracia.